

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 2 - 2º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

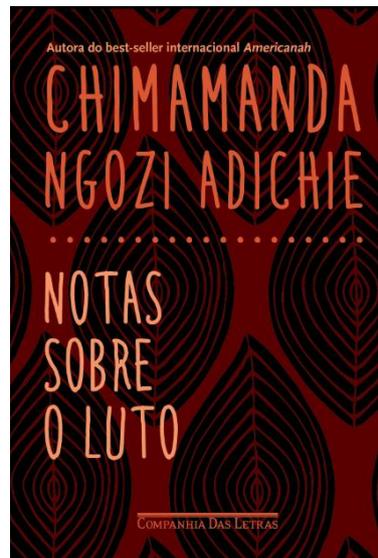
DOSSIÊ
ÁFRICA
E SUA DIÁSPORA:
PENSAMENTOS E LINGUAGENS



Resenhas

NOTAS SOBRE O LUTO

NOTES ON GRIEF

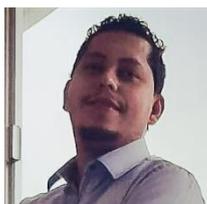


Chimamanda Ngozi Adichie, Companhia das letras, 2021.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5784566>

Envio: 01/09/2021 ♦ Aceite: 14/11/2021

Ádrivan Machado Henrique



Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – 2016. Pós-graduação Lato sensu em Psicanálise: Sujeito e Cultura pela Faculdade de Medicina de Campos – 2018. Mestrando do PPGECS do Instituto NUTES/UFRJ. Possui interesse nos temas de educação e ensino sobre a morte, psicologia hospitalar e clínica psicanalítica.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana que tem sido bastante produtiva nos últimos anos. Obteve reconhecimentos pelo seu trabalho através de premiação de muitas de suas obras e pelo alcance de diversos leitores ao redor do mundo. A autora é bastante participativa em vários veículos de comunicação, apresentando engajamento e posicionamento feminista, realizando reflexões pertinentes à forma como são construídas as noções sociais de gênero e as disparidades destas construções entre homens e mulheres, entre outras reflexões apresentadas no programa TED Talk. Esses pensamentos marcam a sua escrita.

Seu primeiro romance é datado de 2003, no Brasil é conhecido pelo título *Hibisco Roxo*, entre obras de romance, escreveu contos que evidenciam a cultura nigeriana. Entre suas obras temos: “*Meio Sol Amarelo*”, (2006); “*No Seu Pescoço*”, (2009); “*Americanah*”, (2013); “*Sejamos Todos Feministas*”, (2014); “*Para Educar Crianças Feministas – Um Manifesto*”, (2017).

Caso fosse possível mensurar os motivos de sua popularização, talvez, os temas abordados em suas obras pudessem ser a justificativa. Porém, não se trata apenas de falar sobre temas de interesse popular, a autora utiliza em suas obras um formato que condiz com leitores variados pois sua escrita vai de encontro a uma leitura fluida. Apresentando um livro marcado pela divisão em capítulos curtos e muito bem conectados entre si, que permitem ao leitor menos engajado sentir o avanço da leitura sem que esta seja maçante.

No entanto, tal formatação não lhe reduz à simplicidade, pois permite também ao leitor assíduo o envolvimento com suas obras e com suas escritas propriamente, vejamos como a autora descreve inicialmente a notícia da morte de seu pai, e como em poucas palavras exemplifica a dor, trabalhando com a imagem de um ser arrancado de um lugar e de ser descolada abruptamente, e sem escolha: “*A notícia é como um desenraizamento cruel. Ela me arranca do mundo que conheço desde a infância*” (p. 6). Este trecho foi citado diversas vezes através dos dispositivos atuais de e-book.

A obra de que se trata esta resenha chama-se “Notas Sobre o Luto” (Adichie, C. 2021). E está dividida em 30 capítulos onde a escrita se desenvolve na forma de autorrelato, descrevendo as sensações e emoções sentidas com a morte do pai da própria autora.

É o ano de 2020, o mundo todo afetado pela pandemia do covid-19 e as medidas de contenção do contágio estavam intensificadas por meio do *lockdown*. O pai da autora era um professor de estatística aposentado e figura importante da vida comunitária da cidade de Abba, Nigéria. Mais do que isso, para a autora o seu pai era muito querido, e chamar de “Notas Sobre o Luto” os relatos da perda de um objeto de tanto investimento faz total sentido.

No dia 10 de junho, Chimamanda recebe através de seu irmão Chuks a notícia do falecimento do seu pai, o livro não faz suspense quanto ao derradeiro acontecimento. Na sequência, explicita como reagiu à notícia da morte do seu pai, tendo a encenação da filha como um apoio para se lembrar de como foi.

Os relatos da Chimamanda apontam para a incapacidade de acreditar no que estava acontecendo, e o quanto as palavras dos outros sobre a sua perda poderia não fazer nenhum sentido, aliás, em diversos momentos a autora transita pela falta de sentido nas palavras “*Aprende quanto do luto tem a ver com palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras*” (p. 7). Apresentando, também, as contradições entre a cultura igbo e sua educação estadunidense acerca das tradições e cerimônias fúnebres.

Existe uma tensão na forma da cultura nigeriana de lidar com o luto, talvez pelo fato da autora estar ligada à cultura dos Estados Unidos, e em certos momentos isso é revelado nas exigências dos costumes africanos de luto para com as esposas enlutadas. “*Eu digo que ninguém raspa a cabeça dos homens quando suas esposas morrem; ninguém nunca faz os homens passarem dias comendo comidas insossas*” (p. 37) Porém, ao mesmo tempo, há um grande orgulho por sua origem igbo. Principalmente quando relata o quanto admirava seu pai e o jeito como ele lidava com as coisas e com as pessoas.

Talvez flutuar pelas narrativas e descrições que faz do seu pai seja o ponto-chave do livro. Pois, sua escrita sensível e sem medidas da dor que a assola, começa a fazer parte de nós quando a autora nos faz perceber o quanto seu pai era uma figura carismática. Isto nos leva aos contornos das dores sentidas pela Chimamanda.

Nesse mesmo sentido não é um livro ideal para alguém que esteja a atravessar experiências de perdas de algum ente querido, a não ser que a proposta seja de não estar sozinho com sua própria dor. E a autora menciona, o quanto deseja sentir a sua dor, reconhecer a sua perda e se identificar com o que está acontecendo. *“Será possível ser possessivo em relação à própria dor? Quero que a dor me conheça, quero conhecê-la também”* (p. 19). Este ponto revela-nos que estar em luto não é somente passar pelo ocorrido da morte de alguém que se ama, mas sim debulhar-se sobre as dores que tal perda suscita.

Quanto ao luto, a autora em diversas partes flutua em uma experiência confusa. As descrições de seu luto se apresentam como um “estar de luto por ter perdido o pai”, porém, isto poderia ser tristeza, revolta, medo, melancolia. Por fim, o grande trabalho que temos que considerar é a saída desse luto. Isto não seria dizer que para superar uma grande perda seja necessário trabalhar e produzir, mas considerando que o sujeito em questão é a escritora Chimamanda, escrever tenha sido a forma de vivenciar a experiência da morte de seu pai de forma autêntica. Pois, é na função inventiva da arte que o sujeito se reconstrói e se reencontra, mesmo tendo que seguir adiante e defrontar-se com o desamparo da morte agora numa face mais crua.

As condições que permeiam o estar de luto dentro de uma consideração psicanalítica não encontrariam vias para o ato da escrita literária no mesmo tempo do luto. Esta afirmativa se faz por considerar que a dor do luto não permitiria a escrita da própria dor, como ato de sublimação.

De acordo com Freud (1917), o enlutado levaria um tempo envolvido em uma economia libidinal, ou seja, onde seu aparelho psíquico estaria inteiramente envolvido e trabalhando sob a dor que a perda objetual lhe suscita. É importante frisarmos isso, pois a época atual tende a suprimir o direito ao luto. A extinção do luto é um fenômeno contemporâneo identificado e tecido por Ariès, Philippe (1977).

Tendo em conta que há o fenômeno da extinção do luto, poderíamos pensar que se uma escritora produz mesmo estando envolvida em tanta dor, pode-se, por desatenção, banalizar as perdas e o próprio trabalho de luto, tão necessário para reorganização subjetiva.

Para finalizar, é preciso estarmos atento à necessidade de não perpetuarmos certa frieza para com as dores humanas. Na narrativa da Chimamanda vemos a intenção de experimentar imensamente a morte do seu pai e a dor que tudo isto lhe suscitou, caminho este de viver a dor é o de também atravessá-la.

REFERÊNCIAS:

- Adichie, C. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Artes, 2021
- Adichie, C. **Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto**. São Paulo: Companhia das Artes, 2017
- Adichie, C. **Sejamos todas Feministas**. São Paulo: Companhia das Artes, 2014.
- Adichie, C. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Artes, 2013.
- Adichie, C. **No Seu Pescoço**. São Paulo: Companhia das Artes, 2009.
- Adichie, C. **Meio Sol Amarelo**. São Paulo: Companhia das Artes, 2006.
- Adichie, C. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Artes, 2003.
- Ariês, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- Freud, S. **Luto e melancolia**. Obras completas, ESB, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, (1917/1996).



Domingas | Óleo e folha de ouro sobre tela | 61 x 45 cm | 2020 | Foto: Joerg Lohse

Artista: Dalton Paula